



LUCIANA: BRASÍLIA PARA ELA ERA APENAS UMA ESCALA ENTRE MACEIÓ E O RIO DE JANEIRO. MAS ACABOU SE APAIXONANDO PELA CIDADE QUE ADOTOU E ONDE PRETENDE FICAR

LOCADORA. A locadora onde trabalha Luciana de França é um retrato do segmento em Brasília. A loja, que dispõe de 2.500 fitas, tem somente 85 filmes disponíveis em DVD. A procura pela nova tecnologia ainda é pequena por ali — 12% dos clientes optam pelo disco a laser. Na cidade, há no mercado cerca de 750 títulos em DVD, número que deverá ter um aumento de 60%, segundo projeção do Sindicato de Videolocadoras do Distrito Federal. As previsões da indústria eletroeletrônica também apontam para o crescimento do setor: em 2002 serão fabricados 1 milhão e 200 mil aparelhos DVD, o dobro da produção nacional deste ano. Mais um motivo para as 320 locadoras do Distrito Federal se adequarem ao perfil cada vez mais exigente do consumidor e recuperarem os 30% do mercado perdido nos últimos cinco anos.

III

750

filmes em DVD estão à disposição nas locadoras da cidade

O nome da balconista que atende Rogério é **LUCIANA** Bastos de França. Ela trabalha na locadora de vídeo da quadra 407 Norte há exatos sete anos. Nesse período, já viu todos os 238 filmes da loja.

Ela assiste de três a cinco fitas por dia e em alguns casos ain da repete a dose. “Gosto de rever os clássicos.” Luciana perdeu a conta de quantas vezes viu filmes como *Sabrina*, *Cleópatra*, *Assim Caminha a Humanidade*, *Festim Diabólico* e *Um Corpo que Cai*. Como se vê, a garota adora um Hitchcock.

A balconista explica que as fitas mais procuradas na loja são as de diretores iranianos. “Os clien-

tes também gostam muito de filmes *cult*: o chamado cinema de arte. O pessoal de Brasília tem muito bom gosto”.

A balconista nasceu em São Paulo, mas criou-se em Maceió. Ia morar no Rio de Janeiro mas desistiu porque apaixonou-se por Brasília. “Cheguei aqui no dia 21 de agosto de 1989 para visitar uma tia. Não quis mais ir embora porque este lugar é bom demais”, elogia.

Luciana tem 33 anos e resolveu ficar porque conseguiu trabalho na capital. Ela até se irrita quando ouve dizer que Brasília não oferece emprego para quem chega de fora. “Quem está aqui sem serviço é porque não quer: se procurar, acha.

O que não pode é ficar parado, esperando o trabalho cair do céu”, afirma.

Ela começou na **LOCADORA** por acaso. Trabalhava numa revendedora de armários para cozinha e sempre ia visitar uma amiga que trabalhava na loja de fitas. De tanto passar por lá, aprendeu direitinho o riscado e foi convidada para assumir o cargo.

A balconista mora em um apartamento na Asa Norte e trabalha de segunda a sábado. O expediente começa às 15h e só termina às 21h.

Luciana usa a folga do domingo para praticar um *hobby* que conheceu depois que chegou a Brasília: o bordado. Ela aprendeu a bordar com a ami-

ga que tem uma loja de congelados na 406 Norte.

As duas montaram uma espécie de sociedade que já está rendendo um bom dinheiro. “A gente só trabalha por encomenda. Faço peças para cama, mesa e banho”, valoriza. Elas têm dois bordados trabalhosos para entregar até o final do mês.

Entre um cliente e outro, Luciana escolhe uma fita na prateleira - *Hurricane*, *o Furacão* -, e aciona o videocassete. É sábado à tarde e o movimento está tranqüilo. No meio do filme, Breno entra na loja para devolver as fitas *Showbar* e *Alta Frequência*. Ele assina o cheque, põe os óculos escuros e sai às pressas para não perder a carona de um amigo até o Pier 21.

MUSCULAÇÃO, CURSO DE INGLÊS E PEDALADAS NO PARQUE

Ô, carona boa. **BRENO** chega ao Setor de Clubes Sul em cinco minutos. Desce correndo as escadas do Pier 21, entra no vestiário da Companhia Atlética e se transforma. Troca a bermuda *jeans*, a camisa de botão e os sapatos por um *short* azul, uma camiseta branca e um par de tênis. Uniforme de atleta.

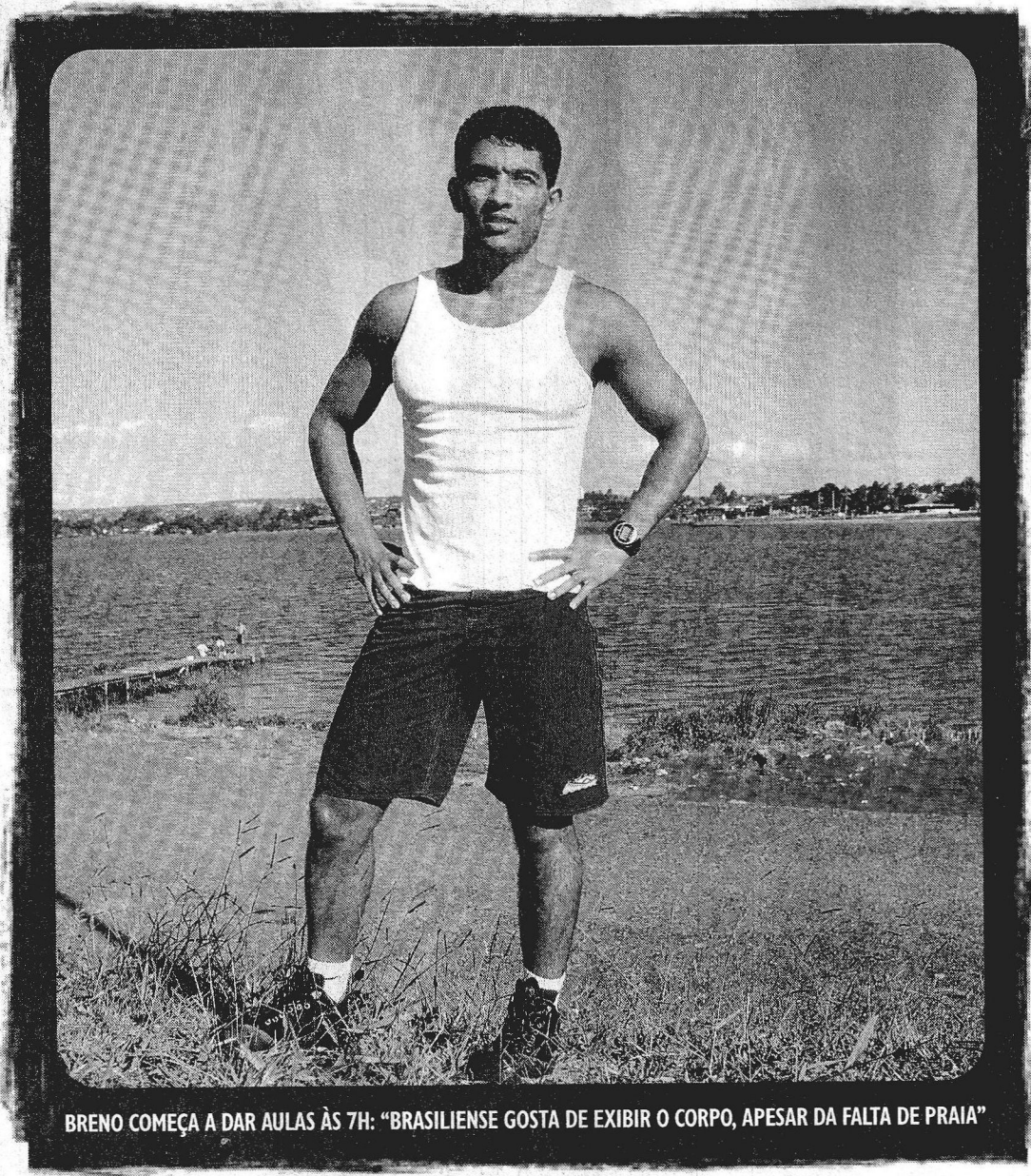
Breno Gustavo Santiago é professor de educação física. Mais que isso: ele vive em função do esporte. Naquela tarde, foi à academia do Pier 21 para fazer uma série de exercícios e manter o corpo em forma.

Ele tem 26 anos e faz mestrado em educação física na Universidade Católica de Brasília. Acorda cedo e, antes das 7h, já está na academia. Dá aula até as 11h para uma turma de alunos bem diversos. “Esta história de que só gente nova sabe malhar não é verdade. Aqui na academia tem pessoas de todas as idades”.

Breno explica que os brasilienses gostam de cultivar o corpo. “No Rio de Janeiro todo mundo malha para se exibir na praia. Aqui não tem praia, mas o pessoal está sempre querendo mostrar a barriguinha ou deixar as costas de fora nas festas”, compara.

Depois de dar aula na academia, Breno vai para o curso de inglês e segue até a aula do mestrado. À noite, não tem descanso: volta à academia para outra sessão de musculação. “Faço pelo menos uma hora de exercícios por dia”, garante.

Para ele, a falta de dinheiro não é motivo para deixar de malhar. “As academias cobram de R\$ 40



BRENO COMEÇA A DAR AULAS ÀS 7H: “BRASILIENSE GOSTA DE EXIBIR O CORPO, APESAR DA FALTA DE PRAIA”

CINEMA. Nos anos 80, era comum ouvir alguém falar que Brasília era um tédio. O quadro mudou na década seguinte. Atualmente, há pelo menos uma variada opção de lazer na cidade: o cinema. O número de salas de exibição no DF cresceu de 25 para 71 nos últimos três anos. Uma sala para cada 28,1 mil habitantes. A proporção é maior do que a de centros como Rio, São Paulo e Recife. De fato, só Porto Alegre tem média maior. Tudo isso foi possível graças ao considerável aumento de público, que atraiu para a capital grandes redes de exibidores e multinacionais. Houve crescimento até no circuito alternativo, apesar do fechamento do cinema da Cultura Inglesa: os *cults* ganharam cinco salas a partir de 1998, todas na Academia de Tênis. A nota triste ficou pelo fechamento ano passado do Cine Karim — antes de vender o espaço para os evangélicos, os proprietários se orgulhavam de possuir a maior tela do Brasil, com 240 m². O título de maior tela de Brasília pertence agora aos Cinemark 2 e 3, no Pier 21, com 112,5m².

a R\$ 160. Há opções para todos os bolsos”, diz.

Breno gosta tanto de esportes que resolveu mudar os hábitos noturnos. “Eu ia muito a barzinho e boate para tomar cerveja com os amigos. Mas percebi que isso é uma contradição. Se trabalho com meu corpo, tenho que cuidar bem dele”, conclui. A diversão agora é ir ao **CINEMA** sempre que pode.

Ele nasceu em Brasília, mas já morou em Fortaleza. Jura que não gostou da mudança. “Prefiro a organização de Brasília”, justifica.

No mesmo fim de semana em que devolveu as fitas na locadora, Breno montou na bicicleta de estimação e saiu para uma boa pedalada. Deixa a quadra 405 Norte, onde mora, e vai até o Parque da Cidade. Dá algumas voltas na ciclovia e — antes de ir embora — ultrapassa a *bike* vinho de Laura.